

EM FOCO

ESCRITA QUE SAI DA PELE:
TRANSFLEXÕES AFETADAS
PARA LEMBRAR DAQUILO QUE
ESQUECI E COROAR NOSSA
SENHORA DAS TRAVESTIS

*WRITING THAT COMES OFF THE SKIN:
AFFECTED TRANSFLECTIONS TO REMEMBER WHAT I HAVE
FORGOTTEN AND CROWN OUR LADY OF THE TRANSVESTITES*

*ESCRITURA QUE SE DESPRENDE DE LA PIEL:
TRANSFLEXIONES AFECTADAS PARA RECORDAR LO QUE HE
OLVIDADO Y CORONAR A NUESTRA SEÑORA DE LAS TRAVESTÍS*

FREDDA AMORIM

AMORIM, Fredda

Escrita que sai da pele: TRANSflexões Afetadas para lembrar
daquilo que esqueci e coroar nossa Senhora das Travestis
.Repertório, Salvador, ano 27, n. 40, 2023
e023005

DOI: <https://doi.org/10.9771/rr.v1i40.49330>

RESUMO

Localizo esta escrita-CONVERSA: Afet(o)ação escrita que sai da pele – metodologia ser aplicada a processos de pesquisa em Artes como um ato psicofísico de re-existência, no campo das Artes da Presença, mais especificamente no campo da Performance e no âmbito da arte pública, mas, para além disso, esta escrita-conversa acontece dentro das redes que criamos, como texto-tecido-trama que me enreda enredando as outras. Este FOI (e tem sido)UM EXERCÍCIO DE ESCUTA. Esta metodologia desobediente foi criada por Fredda Amorim para desenvolvimento de sua pesquisa no PPGAC – Programa de pós-graduação em Artes Cênicas da UFOP em 2018 para aquisição do título de mestra em Artes Cênicas.

ABSTRACT

I locate this writing-CONVERSATION: Afet(o)ação escrita que sai da pele - methodology to be applied to research processes in the Arts as a psychophysical act of re-existence, in the field of the Arts of Presence, more specifically in the field of Performance and in the realm of public art, but, beyond that, this writing-conversation happens within the networks we create, as a text-woven-web that entangles me by entangling the others. THIS WAS (and has been) AN EXERCISE IN LISTENING. This disobedient methodology was created by Fredda Amorim for the development of her research at the PPGAC - Graduate Program in Performing Arts at UFOP in 2018 for the acquisition of a master's degree in Performing Arts.

RESÚMEN

Sitúo esta escritura-conversación: Escritura de afecto(o)acción que sale de la piel - metodología para ser aplicada a procesos de investigación en las Artes como acto psicofísico de re-existencia, en el campo de las Artes de la Presencia, más concretamente en el campo de la Performance y en la esfera del arte público, pero más allá de eso, esta escritura-conversación sucede dentro de las redes que creamos, como un texto-tejido-red que me enreda enredando a los otros. ESTO FUE (y ha sido) UN EJERCICIO DE ESCUCHA. Esta metodología desobediente fue creada por Fredda Amorim para el desarrollo de su investigación en el PPGAC - Programa de Postgrado en Artes Escénicas de la UFOP en 2018 para la adquisición del título de Máster en Artes Escénicas.

escrita que sai da pele 1 - mama

O processo de cura precisa doer, quebrar, amargar. Para curar tem que amargar. Minha avó dizia que quanto mais amargo for o remédio mais ele é bom. Eu cresci com uma relação muito íntima (por vezes traumática) com o boldo e é estranho pensar que uma erva tão importante e potente pode causar traumas, mas ao mesmo tempo é revelador pensar que crescemos e nos formamos enquanto pessoas a partir do acúmulo de traumas e ainda mais revelador quando entendo que o fato de ser preta e travesti é determinante para isso, mas até me reconhecer como preta e travesti tem sido processos cheios de traumas. O amargor do boldo me traumatizou quando criança e agora adulta ele me acalma e me cura. Os AMARGOS da vida me curam. Minha avó também dizia, o boldo cura tudo. Gostaria de começar essa conversa falando sobre o boldo, sobre amargo, sobre dores, mas também sobre cura e sobre encontro. O encontro me cura e agora estou contagiada pela covid-19 e nesse terceiro dia de isolamento sinto fortes dores no fundo dos olhos, lá no lugar onde se firma pra focar e ver melhor, sinto dores na cabeça, febre e, agora, neste exato momento estou tomando um chá de boldo, porque minha vó me disse que boldo cura tudo. O maior trauma que o vírus poderia me causar foi a privação do encontro, porque me pergunto: como posso me curar de algo se sou proibida de me deleitar daquilo que liberta e cura, encontrAR. O vírus tira o AR.

Eu queria falar sobre como foi o meu processo de cura, como tem sido e eu fico me perguntando se realmente estou curada do que quer que seja, porque me parece que a cura não pertence à minha corpa, vivo em processo (in)constante de cura. Mas depois de tanto dito sobre boldos, memórias da infância, traumas e cura, penso que o mais importante nessa escrita que sai da pele, que salta das nossas peles é pensar em como nos encontrarmos já tem sido um processo de cura para mim... Eu não sabia muito bem o que eu era ou quem eu era, isso tudo estava oculto e muita coisa se revela a partir do momento em que descubro que sempre senti essa dor no fundo dos olhos, onde se firma para focar e ver melhor, porque eu não estava me vendo nem de dentro e nem de fora... me vejo hoje nas minhas manas, fui curada antes mesmo de ser contaminada...

Como vão suas TRAVeCIAS, mulher??

Como vai, como passou?!

escrita que sai da pele 2 - doida

Fredda, amada. O início da leitura do texto coincide com o fim da live que acompanhei assincronamente, da Ventura Profana. Ela fala que espera uma chupada gostosa nas suas obras, que a arte seja suculenta, que a gente goze bem da nossa vida. Conhecer, conhecidinha, começadinha. Tenho me dedicado às tempografias não-lineares das nossas existências trans. Somos sincopadas. Nossos inícios em precipícios, como diz Linn da Quebrada, são principícios. E como tenho dito, precisamos futurar pra além da única condição de temporalidade que nos impõem: a fatura do fim, ou o fimturo. Somos rasgadas. Não há tempo, porque há tempos. E há tempos que... A coroação da Nossa Senhora das Travestis¹, e escrevo hoje no dia de erês da "Aparecida" (12 de outubro), é uma beatificação da bestificação. As chagas das covidadas são agora a benção das traumatúrgias que ora enredamos na cena. Cinema pra mim é bruxaria pura. Por isso a escrita que sai da pele, pra gente, é escrita que sai da tela. A Ventura estava indignada. Eu me inscrevo: a hipocrisia que nomeia as bixas no feminino e as travestis no masculino. A arte é suja. A arte mata. A arte não é salvação. Lembrar daquilo que jamais pude dizer. Eu não sou responsável pela transição de gênero de ninguém. Eu sou uma traidora do gênero. Façam suas traições, depois venham me contar. Quando criei o conceito de afetossíntese, procurava rasgar o binarismo corpoXnatureza. Somos mais que afetadas. Somos produtoras de luz. Energia pura. O estalar da transmutação é a raiz dos brotos do peito. Não coloquei silicone, coloquei titânio. Sou ciborgue. Minha teta está no cotovelo. A cura é ter a finesse de dizer: não sou doente, sou Doidinha. E vocês também são Doidinhas. Não sou um traveco, sou uma ECOTRAVA. Você, Fredda, é uma rainha do balangandã, mama florecida, nosso acuir lombamento é florestal. Essas vozes todas sussurram da noite das copas, das folhas a voarem e são a anunciação. São a força do rasgo das nossas existências. Em cada um dos filmes, vemos traços dessas TRAVOADAS, como diz meu querido lerê Papá. Estas três obras estão tocando no calcanhar, batendo na bunda do forum.doc BH, pra anunciar que sempre estivemos e, por isso, nunca mais podemos deixar de estar. Não é possível a cura sem pessoas trans na curadoria.

escrita que sai da pele 3 - mama

escrevo esta primeira linha porque gritei, (ela GRITOU)

1 1 Disponível em: <https://www.forumdoc.org.br/filmes/coroacao-da-nossa-senhora-das-travestis> (acessado em 20 de julho de 2022)

retorno...

Volta pro buraco de onde você saiu. Eu estou no buraco de onde saí. Escrevo hoje daqui, ainda dia de erê e de "Aparecida", assim como minha mãe, que se chama Aparecida por causa dela. Que está nas mãos dela. Eu gritei quando te ouvi, te li, te senti e sabe por que eu gritei? Porque eu sinto muito, sinto tanto, tantas dores, eu me rasgo e sou rasgada o tempo inteiro e eu grito por isso. Mim deixa. Hoje é dia de Aparecida e que dia será o das (DES)APARECIDAS? A padroeira, aparecida e santa de um um país que nos PARA. Ontem tivemos um encontro e eu lembrei muito de tanto, parecia terapia, eu disse pra uma mana que estava lá e pensei que acho que essa é a minha terapia, ESCUTAR. Eu quero tanto falar, mas às vezes penso que não tenho tanto a dizer, mas uma coisa que eu gosto mesmo de fazer é escutar. Isso me ajuda a me materializar a partir daquilo que crio de mim mesma ouvindo minhas manas, a gente parece que tem que se fazer o tempo todo e é como se a gente fosse escrevendo e alguém apagando atrás e a gente não para de escrever, escrever, escrever e apagarem, apagarem, apagarem. Inferno. Não é mais possível. Maravilhosa, rainha, showme: se é isso que vocês dizem então eu DETERMINO aqui, assim como Linn da Quebrada aqui invocada. CHEGA. Eu também não me responsabilizo por suas transições e tampouco por apontar as minhas como fardos porque são minhas e tudo que tenho são as TRAVAECIAS e as TRAVESSIAS. São minhas. Marcas, dores, cicatrizes, alegrias, gozos, tudo meu.

As grafias que saem das nossas peles traviarcas me permitem existir e me aCUirlombar. Coroar uma travesti é um lixo, pra você o que é? É do lixo, da lixaiada, do sujo e imundo, porque é assim que nós somos e reivindicamos também assim como Susy o fez, o direito de sermos as MONSTRAS, o lixo, as sujas e rasgadas. Mulher de barba e pau, travesti que pari suas filhas pelo CU no alto da santa cruz de Ouro Preto da comarca de nossa senhora do Pilar. Você precisa se comprometer com isso, tirar as TIBIRAS da boca do canhão, coroar AGORA aquilo que foi esquartejado ontem e será amanhã. A melhor hora do dia pra mim é quando o dia TRANSICIONA, deixa de ser dia e vira noite.

Não pretendo ser salva de nada, porque não tenho garantias de nada, minha corpa preta e travesti não me garante nada, mas pretendo salvar as minhas, porque a minha força, a força que sai do meu CUVENTRE, essa eu garanto. A cura é ESCUTAR, eu me curo quando escuto. A cura é TRAVESTI.

escrita que sai da pele 4 - doida

Cuventre é igual coração de mama, sempre trava mais um. E a coroação da santa-puta é o coração da puta-santa. Voltando pro buraco de onde saí, eu o arregaço. As pregas da minha ventrificação, do parto que me parti. Não fui parida em Paris. Fui parida pelas minhas pares. Que no caso são ímpares parideiras. Continuo afirmando que somos rasgadas. E é rasgo de recusa também. Rasgacusa pois nosso NÃO é rasga-cu. Vai coroar agora! E corra com a coroa. Corra, mostra, morra. Desaparecidas porque somos invisíveis. Com a Castiel² aprendi que nesse jogo colonial da arte que nos quer mas não nos dá aquér, não é mais sobre ganhar ou perder. É ganhar perdendo. É perder ganhando. E eu acrescento: somos travecoins, moedas criptografadas (não mais compradas ou vendidas; as moedas, commodities, câmbio, especuladas), então adentramos nos paranauês com nossos códigos. Paul Preciado fala que pessoas trans são softwares livres de gênero, mas eu recuso. Nosso pajubá é sudaca. Y em Abya Yala a travestis é originária, a travestis é mestra do saber e mostra do sabor. Adentramos o CISTema com nossos valores de implosão: segredo-fofoca é ciência da informação. Arqueólogas e museólogas a céu aberto. Entregamos não entregando. Y não entregamos entregando. Lidem com isso! E troquem o apagamento audiovisual pelo pagamento Aldirvisual.

escrita que sai da pele 5 - mama y doida

O que a gente vai escrever? Estamos aqui juntas, doidas y mamadas. Porque não basta vocês darem uma chupada na nossa arte, é preciso que em-sã-descida vocês caiam. Então, não só VOLTEM pro buraco de onde saíram, mas caiam de boca nesse buraco.

A cura é bruxaria. A cura é travesti. A cura é ancestralidade. E a cura não existe. E vocês que lutem!

A dor no fundo do olho é cura. Castiel nos diz que o processo de cura começa no adoecimento. Padecer é pra descer. Então DESÇA pra curar.

1 2 Disponível em: <https://www.forumdoc.org.br/mostras/comunidades-de-cuidado-fabulacoes-enfrentamentos> (acessado em 20 de julho de 2022)

Boldo é AMAR. Amargo é amar. Se faltou ar é porque nós somos boldo. Travesti é er-va-pura.

A cor da mama é peito. Preta é a mamada. Depois de tirar TIBIRA do cala-boca do canhão, você também será uma desaparecida. Desapareça daqui!

Showme é sobre (des)aparecer. E (pra)descer.

escrita que sai da pele 6 – e depois de nós

A questão aparece recorrentemente nos tocar.

O desejo de dizer nem sempre está aqui, mas o desejo de gritar, a fúria, a folha, a falha estarão sempre em consonância nosso caminhar.

Fiquei integrada durante dias sobre o que nós iremos escrever. Por um tempo eu pensei em falar sobre a cafetinagem das nossas corpos, depois realmente pensei em falar do dia a dia, de como aprendo com a pista, com o ponto, com os trajetos, com as caminhadas na noite, nos últimos tempos tenho pensado muito em falar sobre a violência - mas ela ainda marca o ralado na minha cara que ainda arde em todos os banhos - por fim ou pelo meio eu pensei em falar sobre o final. A sensação que fica no depois entre nós.

É engraçado como estamos a todo momento nós _____ com o fim, deste presente que nós mesmas temos que matar. O presente que não nos foi entregue de bom grado. O presente que sim, sempre está demarcado por uma estrutura que persegue a presentificação de nossas vidas.

Gostaria agora de construir uma palavra que desse conta de dizer deste presente que clama por um passado que foi violentado, que depois da violência decidiu matar-se para proclamar um presente para si - nas travessias para um futuro - que encontre um pouco mais de olhar no mais doce do amargo do boldo, que ama de costela aberta, quebrada, viva que escorre do peito de uma mama única siliconada por desanestesiarem a compulsoriedade das linhas retas que não tangem o encontro.

Não sei se me explico, mas também não sei se quero explicar tudo a todos. É engraçado, e ao mesmo tempo tão escuro como uma pista de dança. Quanto mais a transição me faz ser o ponto fora da curva, e quanto mais danço com as minhas fora da curva, mais eu vejo a pista e seus protagonismos em repetição. Deste modo, caminhamos no escuro, com luzes turvas, com pegadas felinas, para adentrar as fronteiras. Sejamos

tão grandes que a pista nos guiará, a pista seremos nós, não haverá pista sem nós e assim talvez, bem talvez, porque não acredito nas certezas absolutas. Acredito nas incertezas que construímos para nos fazermos aqui e no presente..... Mas sim, talvez a dança, ou melhor, o movimento em transição constante refaça outros caminhos que o fim seja uma sensação do encontro.

Depois de nós

A sensação que fica no depois entre nós.

A escrita que sai das peles das corpas que existem dentro de nossas corpas é espiralar no tempo, no espaço e no sentimento que de certas e erradas maneiras nutrem uma outra corpa que surge de um amontoado de outras tantas. A escrita sai da pele porque fora dela ELA dança. Quando pensamos na possibilidade desse encontro aqui, estávamos juntas em estado de showME. Hoje, pisamos cada uma no [seu] chão, aqui e lá. É verdade, dançamos com as nossas FORA DA CURVA< fora do PRUMO > fora da ROTA < FORA DA PELE.

hoje,

chegamos até aqui (...)

ShowME.

Freda Amorim: Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP, 2019). Na área política e social se dedica a criação de redes de encontro e articulação para pensar e criar novas diretrizes e políticas públicas voltadas para população LGBTQI+-+